

Migrações altamente qualificadas e seximos: mulheres imigrantes na academia.

Estrutura Social, dinâmica demográfica e migrações.

Thais França

Pós-Doutoranda, Centro de Investigação em Estudos Sociais, Instituto Universitário de Lisboa –
CIES/IUL

Beatriz Padilla

Professora Associada, Instituto Ciências Sociais da Universidade do Minho e investigadora associada
no CIES-IUL.

Resumo

A produção e a circulação do conhecimento tem se tornado um aspecto cada vez mais relevante para as sociedades e a mobilidade de cientistas, parte indissociável da carreira acadêmica. Ao considerar a relevância que as dinâmicas de imigração qualificada têm assumido a mobilidade científica coloca-se como uma modalidade fundamental de análise, tanto por que concerne ao deslocamento de indivíduos, como por que traz questões sobre produção de saber e informação, em um momento em que o conhecimento aparece como recurso central para o crescimento econômico e social.

A intensificação da mobilidade científica provocou uma mudança nos estudos migratórios, por um lado por que era um tema pouco estudado, por outro porque promove uma discussão acerca da produção e circulação do conhecimento. Ademais, o aumento do número e da visibilidade de mulheres em atividades científicas exigiu que as teorias sobre os processos migratórios fossem revistas, incorporando uma perspectiva de gênero.

A ausência de investigações sobre a feminização da imigração qualificada é internacional (Acker, 2000; Kofman & Baptiste, 2005; Kofman & Raghuram, 2009), sendo invisibilizada tanto pelas assimetrias de gênero existentes em nossa sociedade, como pela ênfase excessiva que a imigração de mulheres para segmentos precários tem recebido. Questões como conciliação-família trabalho, estruturação da mobilidade em casais acadêmicos, constrangimentos que a exigência da mobilidade pode trazer para o desenvolvimento da carreira feminina em virtude da pressão social pela dedicação à família continuam pouco estudadas. Posto isso, é fundamental investigar tal fenômeno para desenvolver respostas adequadas, identificar boas práticas, evitando assim o desperdício de talentos e possibilitando a igualdade de gêneros.

Além disso, nos dias de hoje, da compreensão da imigração qualificada não se dá apenas em termos de *brain drain* ou *brain waste* (Salt, 1997), agregou-se a perspectiva de circulação do conhecimento, *brain circulation* (Meyer, 2003). Entende-se a imigração como um processo contínuo, ao invés de um movimento único e estanque, logo, seus efeitos não podem ser avaliados dicotomicamente, sendo necessário considerar todo o contexto e variáveis envolvidas. A imigração qualificada aparece, então, como enriquecedora para países emissores e receptores, onde ambos beneficiam-se do conhecimento produzido (Solimano & Pollack, 2004). Porém essa nova compreensão não anula antigos problemas, pois, dependendo como a mobilidade científica for administrada, *brain drain* e *brain waste* acontecerão, principalmente, ao considerar-se os mecanismos de segregação de gênero e étnico-raciais da sociedade e as assimetrias geopolíticas internacionais (Brown, 2010; Padilla, 2010).

A partir do exposto, esse artigo tem três propósitos principais, o primeiro diz respeito reflexão sobre as especificidades da imigração qualificada a partir de um viés de análise que considere as diferenças de gênero. O segundo escopo volta-se para discutir os mecanismos e as estratégias de

circulação de conhecimento empreendidas por imigrantes latino americanas que exercem suas atividades científicas em Portugal com o país de origem.

Para tanto, seguirá com uma metodologia qualitativa sustentada na análise do discurso de entrevistas realizadas com investigadoras, cientistas, estudantes, professoras latino americanas filiadas a centros e universidades portuguesas. Cientes de que várias são as escolas de análise de discurso, optou-se pelas proposições da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough e van Dijk. A discussão é atravessada pelas reflexões das metodologias feministas na busca da produção de um conhecimento crítico e engajado.

Mobilidade científica e migrações qualificadas.

Atualmente os setores financeiros, tecnológicos e científicos são apontados como os responsáveis pelo crescimento da riqueza mundial. Uma das consequências das atividades das empresas transnacionais é a intensificação da imigração qualificada, que conseqüentemente tem ganho cada vez mais importância política e acadêmica, sobretudo, devido a suas contribuições à economia do conhecimento. (Kofman, 2012; Padilla, 2010).

À medida que a relevância desse fenômeno cresce, novas perspectivas e abordagens analíticas têm sido desenvolvidas. Desde as discussões sobre quem pode ser considerado/a um/a imigrante qualificado/a (Kofman, 2000; Mahroum, 2000; Salt, 1997), passando sobre os impactos econômicos (Bhagwati, 1979; Bougheas & Nelson, 2012; Reis, Pereira, Tolda, & Serra, 2010) e políticas migratórias (Cerna, 2010; Kahanec & Zimmermann, 2011; McLaughland & Salt, 2002; Padilla, 2010) a produção sobre a imigração qualificada tem sido contínua.

Uma das discussões mais atuais e instigantes acerca do tema concerne às dinâmicas de circulação do conhecimento. Dos estudos iniciais que concebiam o deslocamento de pessoas qualificadas como um processo irreversível de perda, no qual o país de origem estaria sempre em desvantagem – *bain drain* (Salt, 1997) –, alcançou-se uma compreensão mais integrada e sistêmica do fenômeno, concebendo-o como uma dinâmica de circulação de cérebros – *brain circulation* –, isto é, o conhecimento produzido torna-se acessível a todos os países envolvidos através de redes de contato e mecanismos de compensação (Meyer, 2003; Rizvi, 2007; Williams & Baláz, 2008; Williams & Baláz, 2008). Porém, uma nova compreensão de um fenômeno não é o bastante para extinguir desigualdades e disparidades políticas, sociais e econômicas historicamente consolidadas, pois a depender de como a mobilidade científica for conduzida *brain drain*, *brain waste* ou *brain abuse* continuarão a ter lugar, principalmente, ao considerar-se os mecanismos de segregação de gênero e étnico-raciais e as assimetrias geopolíticas mundiais (Bauder, 2003; Padilla, 2010).

Dentro dessas dinâmicas de deslocamento geográfico internacional de mão de obra qualificada, a mobilidade científica aparece como uma variante de grande importância (Ackers, 2004; Canibano, Otamendi, & Solís, 2011). Presentemente, a mobilidade de investigadores/as é tida como parte indissociável das atividades científicas, sendo considerada uma prática fundamental tanto para a internacionalização das universidades e centros de investigação, para a circulação do conhecimento como para a própria progressão da carreira dos/das cientistas dentro das instituições. A literatura tem considerado como mobilidade científica, as mudanças geográficas realizadas por estudantes de doutoramento, pós-doutorandos/as, investigadores/as, cientistas e professores/as no âmbito de suas profissões (Bauder, 2012; Canibano et al., 2011). Ser internacionalmente móvel tornou-se uma característica avaliada positivamente e esperada pelas instituições, ainda que pouco se avalie efetivamente a qualidade e os reais ganhos das estadias feitas no exterior (Ackers, 2005; Leemann, 2010).

São inúmeras e diversas as motivações para um/a cientista optar por deslocar-se para um centro de investigação no exterior, dentre elas pode-se enumerar melhores salários, acesso a equipamentos

mais modernos, participação em redes internacionais, publicações conjuntas, interação com outros/as pesquisadores/as renomados/as, valorização da carreira, aquisição e transferências de conhecimento (Guth & Gill, 2008; Salt, 1997). E da mesma maneira são vários os obstáculos existentes custos elevados, burocracia, falta de oportunidades concretas, assimetrias geopolíticas, aspectos familiares, segregação sexual e racial, exclusão de atividades e redes, desqualificação profissional. Percebe-se assim que apesar do reconhecimento da relevância da mobilidade científica para a produção, circulação e compartilhamento do saber alguns elementos estruturais constituem-se como empecilhos e acabam por contribuir para a reprodução de desigualdade de sexo, raça, etnia, religião e nacionalidade.

Os deslocamentos científicos podem assumir diferentes formatos, como por exemplo as mais tradicionais modalidades de longo período, ou seja superiores a um ano, estadias curtas entre 3 e 11 meses, participações semanais contínuas e circulares anuais, visitas temporárias para pesquisa ou atividades sazonais de docência (Ackers, 2010; Canibano et al., 2011). Proporcionando, cada uma delas, distintos ganhos para as instituições e investigadores/as envolvidos/as.

Já no que diz respeito às dinâmicas de circulação do conhecimento, a ideia central é que mesmo que o investigador/a não retorne ao país de origem, ou o faça em um tempo muito distante, ele/ela continuará a manter relações com os antigos contatos, fará visitas frequentes ao centro de origem, desempenhará o papel de facilitador/a para que outros/as cientistas de seu país possam realizar mobilidades e quando, finalmente, retornar compartilhará os conhecimentos adquiridos no exterior. Acredita-se igualmente que a diáspora científica (Meyer, 2001), isto é, os/as cientistas que se encontram no estrangeiro, teria interesse em organizar-se no sentido de apoiar e desenvolver a produção científica no país de origem. A aposta dá-se, portanto, na formação de redes de conhecimento e de comunidades epistêmicas que enriqueceriam o sistema científico de ambos os países envolvidos (Solimano & Pollack, 2004).

Contudo, apesar dessa abordagem mais dinâmica e interativa possibilitar uma compreensão abrangente e menos linear do fenômeno, as desigualdades políticas, econômicas e sociais existentes entre os países não desaparecem e continuam a atuar na forma como as mobilidades se estabelecem e se estruturam. Ainda que a saída de um determinado grupo de cientistas aproxime-se do modelo de circulação de cérebros através da manutenção efetiva de redes de intercâmbio com o país de origem pelo meio de publicações, conferências em conjuntos e parceiras em projetos de investigação, em virtude das assimetrias geopolíticas internacionais, essa experiência pode resultar em desperdício ou abuso de cérebros, ou seja, em um aproveitamento inferior do potencial dos/as cientistas (Bauder, 2003). Tal realidade pode ser identificada principalmente nos programas de mobilidade de investigadores/as no sentido do Sul para o Norte Global. Ao saírem de centros menos reconhecidos internacionalmente para centros de ponta, não é raro acontecer que os/as investigadores/as sejam excluídos/as de projetos, de redes de contatos ou não lhes sejam dadas as mesmas oportunidades que são dadas aos/as nacionais. E ao mesmo tempo, quando o deslocamento se dá em sentido inverso, Norte-Sul Global, em geral, os/as cientistas do Norte buscam mais realizar suas pesquisas de campo no Sul, do que propriamente integrar-se às dinâmicas do novo centros de investigação.¹

Além disso, caso não existam, por parte dos países envolvidos, políticas claras e estruturadas de incentivo à formação de redes, promoção de eventos conjuntos, publicações em parcerias, programas de intercâmbios e projetos de investigação associados é muito mais provável que a saída massiva da elite científica contribua antes para a fragilização e empobrecimento intelectual do país de origem do que propriamente para o desenvolvimento do cenário científico local.

E no caso específico das mulheres envolvidas em programas de mobilidade científica, o sexismo e as desigualdades de gênero presentes na nossa sociedade e internalizadas pelas instituições continuam a atuar de forma intensa, colaborando para que as mulheres tenham cada vez menos visibilidade e oportunidades nessas dinâmicas.

Como ressaltam Kofman e Raghuram (2006, 2009) a escassez de estudos sobre a imigração qualificada feminina contribuiu para a legitimação dos estereótipos das imigrantes como sendo pobres, ignorantes, com baixos níveis de qualificação e desempenhando sempre atividades precárias no setor de limpeza, cuidados e atendimento. E simultaneamente, faz com que as dinâmicas de opressão, exclusão e inferiorização que estão presentes na experiência das imigrantes qualificadas permaneçam desconhecidas e veladas. Posto isso, a opção feita nesse paper de debruçar-se sobre a mobilidade de mulheres cientistas justifica-se não apenas pela relevância das imigrações qualificadas, mas também pela necessidade de dar visibilidade a outras experiências migratórias femininas e de denunciar como as desigualdades de gênero atuam nesse fenômeno.

Mulheres e migração qualificada

A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho reverberou em todos os níveis da sociedade. Se devido às dinâmicas de precarização do trabalho, em curso nos últimos quarenta anos, período da intensificação da feminização do mercado laboral, as mulheres foram confinadas aos postos de trabalho menos qualificados que reproduziam os papéis de gênero e legitimavam estigmas sexistas – setor de serviços, atendimento, cuidados e reprodução – não se pode ignorar que algumas mulheres conseguiram subverter essa ordem e igualmente ocupar postos qualificados.

Contudo, é importante não perder de vista que, embora tenham conseguido penetrar nos níveis mais altos da hierarquia laboral, como médicas, juízas, gerentes ou Professoras universitárias, essas mulheres continuaram e continuam a enfrentar mesmos mecanismos de segregação sexual – diferenças salariais, teto de vidro, segregação horizontal e vertical – tal qual as demais trabalhadoras não qualificadas. (Bruschini, 1994; Ferreira, 1998; Hirata & Kergoat, 2007; Hirata, 2001; Kofman, 2012; Nogueira, 2004).

Na verdade, criou-se uma polarização do mercado de trabalho feminino, onde de um lado algumas mulheres exercem trabalhos qualificados e do outro lado, o restante das mulheres desempenha atividades precárias, porém ambos os grupos estão submetidos ao mesmo padrão patriarcal, sexista e androcêntrico de dominação (Hirata, 2001).

A literatura tem mostrado como esse movimento de entrada intensa das mulheres no mundo laboral – qualificado ou não – contribuiu igualmente para a feminização da migração. O aumento da autonomia feminina, o fortalecimento dos movimentos feministas, a intensificação da precarização do mercado de trabalho global, o desenvolvimento do setor de serviços e a diminuição dos investimentos estatais em aparelhos de cuidados e reprodução – creches, asilos e hospitais – criaram um nicho favorável para o deslocamento feminino internacionalmente (França, 2012; Hochschild, 2000; Hondagneu-Sotelo, 2007; Kofman, 1999; Malheiros & Padilla, 2010; Piper, 2007; Sassen, 1998, 2002).

Contudo, tal qual como se dá no processo de feminização do mercado de trabalho em geral, algumas imigrantes logram ter suas credenciais e qualificações reconhecidas nos países de destino e inseriram-se em atividades correspondentes àquelas que desempenhavam no país de origem. Todavia, elas também continuam expostas a dinâmicas de dominação sexistas e racistas, tais quais as trabalhadoras imigrantes não qualificadas (Kofman & Raghuram, 2009).

A escassez de estudos sobre migrantes qualificadas é um sintoma das práticas de invisibilização que continuam a atuar nas questões relativas às mulheres. Se por um lado poder-se-ia argumentar que a insuficiência dessas investigações é uma continuação do caráter androcêntrico da academia que permanece negligenciando as experiências femininas e omitindo as consequências negativas das desigualdades de gênero (Neves & Nogueira, 2005), por outro, uma análise mais cuidadosa da produção recente sobre estudos migratórias oferece uma compreensão distinta. Mesmo que não seja a partir de um viés feminista, crítico e engajado com a transformação social, é preciso reconhecer que nos últimos anos têm surgido muitos estudos sobre a imigração feminina, ou que pelo menos

considerem gênero em suas análises, logo já não é possível falar de uma cegueira absoluta da academia para esse tema (Curran, Shafer, Donato, & Garip, 2006; Donato, Gabaccia, Holdaway, Manalansan, & Pessar, 2006; Herrera, 2011; Hondagneu-Sotelo, 2011). Contudo, esses estudos debruçam-se principalmente sobre a migração de mulheres não qualificadas, havendo pouca discussão sobre experiências alternativas de migração feminina (Kofman, 2000). É fato que esses trabalhos desempenham um papel fundamental de denúncia dos mecanismos de dominação e segregação feminina, porém, acabam por sombrear projetos migratórios que fogem a essa lógica, como participação política das imigrantes, empreendedorismo e inserção qualificada. No caso específico da imigração qualificada, como dito anteriormente, a insuficiência de investigações reforça e reproduz o imaginário da mulher imigrante como sendo um sujeito subalterno, vitimado e incapaz de ser agente de sua história.

Como ensinam as teorias da interseccionalidade são vários os marcadores de diferenças que se articulam nas dinâmicas sociais. Pode-se argumentar que as imigrantes qualificadas, em geral, pertencem a uma classe social média e que são dotadas de altos níveis de capital cultural e social (Bourdieu, 2000) e que portanto estariam menos expostas a situações de preconceito e discriminação, todavia não se pode descurar que outros marcadores como raça, etnia, idade e religião, por exemplo, também agem nas dinâmicas de inserção social. Como relembram Brah e Phoneix (2004) e Lugones (2008), a interseccionalidade traz de volta o projeto político de dar visibilidade às consequências sociais e materiais de marcadores de diferenças como raça, classe e gênero quando analisados em interação, possibilitando compreender como “efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis se seguem quando múltiplos eixos de diferenciação – econômicos, políticos, culturais, psíquicos, subjetivos e experienciais – se intersectam em contextos históricos específicos” (Brah e Phoenix, 2004: 76). Portanto, não é possível negar que essas mulheres também estão expostas a dispositivos de dominação que merecem ser desvelados. E mais ainda, ao discutir a imigração qualificada feminina visibiliza-se outro tipo de experiência das imigrantes, contribuindo para a desconstrução do estereótipo que inferioriza essas mulheres.

Mulheres cientistas e imigração

A feminização do mercado de trabalho e dos fluxos migratórios, juntamente com a internacionalização da ciência confluíram para uma presença maior de investigadoras envolvidas em programas de mobilidade científica. Desenvolveu-se, pois, mais um setor de imigração qualificada ocupado pelas mulheres, que todavia continua a ser pouco estudado, resultando, portanto, em um desconhecimento dessas experiências tanto no que concerne aos seus êxitos, como aos obstáculos, impedimentos e dificuldades.

Alguns estudos têm apontando que os deslocamentos internacionais de mulheres cientistas são mais problemáticos e em menores proporções do que aqueles dos homens (Ackers, 2010; Bauder, 2012; Jons, 2011; Kulis & Sicotte, 2002; Moguérou, 2004; Shauman & Xie, 1996). Em geral, associa-se esse fato aos compromissos familiares que impedem o afastamento geográfico de investigadoras por longos períodos de tempo de seus lares. Contudo, pouco se reflete sobre qual a responsabilidade das próprias instituições, da cultura científica, do peso dos papéis e estereótipos de gênero nas dinâmicas de mobilidade acadêmica feminina. Reproduz-se acriticamente o falso entendimento de que os baixos índices de participação das mulheres em programas internacionais são resultados exclusivamente de escolhas pessoais.

Em geral os programas de mobilidade científica ficam ao encargo das próprias equipes de investigação, havendo pouco envolvimento e suporte dos centros, tanto do país de origem como do país de destino (Ackers, 2004; Peixoto, 2001). Tal fato, torna mais complicado a participação feminina, uma vez que até hoje a maior parte das obrigações familiares recai principalmente sobre as mulheres, e via

de regara não há programas de apoio para o deslocamento e reinserção de toda a família (Leemann, 2010). Ackers (2010) discute sobre como esquemas de mobilidade de curta duração, atividades de docência interinas, participação temporária em projetos de investigação possibilitam que investigadoras possam envolver-se com mais frequência em atividades internacionais conciliando assim as responsabilidades familiares.

Outro ponto importante a ser analisado é o fato de que na carreira acadêmica a existência de um/a mentor/a – relação em geral estabelecida informalmente – é de grande importância para que se possa participar de redes de contatos, bancas de doutoramento, grupos de investigação e publicações. Sendo a academia um ambiente ainda predominantemente masculino e androcêntrico (Leta, 2003; Velho & Léon, 1998), torna-se muito mais difícil para as mulheres desenvolverem uma relação sólida de mentorado que contribua para o desenvolvimento de sua carreira (Jons, 2011; Leemann, 2010). O sexismo presente nas dinâmicas dos centros de investigação, bem como a ausência de mulheres em cargos elevados da hierarquia colaboram para a exclusão das investigadoras dessas redes de contato, dificultando ainda mais sua possibilidade de participar em programas de deslocamentos internacionais e conseqüentemente o desenvolvimento de sua carreira. Pois, como dito anteriormente, a mobilidade geográfica internacional, em todas as suas formas – estadias no estrangeiro, publicações conjuntas, participação em projetos, e redes internacionais – tem se tornado mais e mais uma obrigação para a progressão da carreira científica. Contudo, por conta de práticas e dinâmicas sexistas (Ecklund, Lincoln, & Tansey, 2012; Fox, 2001; Leta, 2003) torna-se mais difícil para as mulheres participarem nessas atividades, desencadeando-se assim um ciclo vicioso de segregação e exclusão feminina dentro do universo científico: I) porque são menos móveis, o desenvolvimento da carreira acadêmica das mulheres é mais limitado; II) porque possuem uma carreira menos desenvolvida, às mulheres é dada menos oportunidades de participar em programas de mobilidade internacionais.

É importante sublinhar também que as mobilidades científicas requerem financiamentos para serem realizadas e que tais financiamentos estão baseados em méritos acadêmicos – publicações em revistas internacionais, liderança de projetos de pesquisas, pertença a redes internacionais, participação em bancas e orientações de doutoramento – que, em virtude da cultura androcêntrica científica e de raramente considerar os efeitos das assimetrias de gênero – como por exemplo o período de menor produção acadêmica de uma cientista em virtude do nascimento de um filho/a – beneficiam mais os homens do que as mulheres (Leta, 2003; Monroe, Ozyurt, Wrigley, & Alexander, 2008; Valian, 2005; Velho & Léon, 1998).

Percebe-se portanto que são muitos os obstáculos que as investigadoras enfrentam para poder exercerem deslocamentos geográficos ao longo de sua carreira científica. Para além das questões pessoais relacionadas principalmente com conciliação das atividades acadêmicas e a família – nascimento de filhos/as, cuidado com pai e mãe, relacionamentos afetivos – as desigualdades de gênero e as práticas sexistas, patriarcais e androcêntricas presentes na academia contribuem para a exclusão das mulheres dos programas de mobilidade internacional.

Circulação de conhecimento e redes científicas

Um dos aspectos mais importantes da mobilidade científica concerne a promoção de encontros reais, face à face entre investigadores/as por períodos relativamente constantes. Essa oportunidade de desenvolver trabalhos no mesmo espaço físico facilita discussões, debates e análises sobre os temas em questão, ao mesmo tempo em que permite outros tipos de aproximação – social cognitiva, e organizacional (Fontes, Videira, & Calapez, 2012a, 2012b). Logo, tais dinâmicas podem mais facilmente dar origem a comunidades epistêmicas que compartilham significados, linguagem e códigos de comunicação, criando condições favoráveis para que o conhecimento produzido circule fluidamente entre os centros envolvidos, apesar das distâncias geográficas (Breschi & Lissoni, 2001).

Um dos resultados ambicionados pelos programas de mobilidade científica é que ao longo da estadia no exterior, em especial àquelas superiores a um ano, os/as investigadores/as continuem a manter contato com as instituições de onde provêm iniciando redes de cooperação e dinâmicas de circulação do conhecimento. Aposta-se também que ao retornar ao país de origem os contatos estabelecidos no exterior permaneçam e promovam a produção de trabalhos conjuntos, seja através de publicações, parecerias em projetos de investigação, realização de eventos internacionais, participação em bancas de doutoramento e que estimulem a continuação dos intercâmbios entre novos/as cientistas. Além disso, espera-se que ao voltar ao centro de procedência os/s investigadores/as tragam os novos conhecimentos adquiridos durante a experiência no exterior, passando a funcionar como um multiplicador de saberes, conceitos, tecnologias e práticas. Assim, o ciclo de circulação de conhecimento estaria completo em sua totalidade (Ackers, 2005; Fontes et al., 2012a; Guth & Gill, 2008; Jöns, 2009).

Mais recentemente, começou-se a investir também no fortalecimento de diásporas científicas, como sendo mais um ator importante na circulação e transferência do conhecimento. Essas diásporas referem-se basicamente a grupos de cientistas imigrantes que atuam na produção de conhecimento e que mantêm redes sólidas de contato com o país de origem, criando oportunidades de cooperação entre os países em questão (Meyer, 2001; Tejada, Varzari, & Porcescu, 2013). Nessa perspectiva, os/as cientistas no exterior são vistos/as como um contato precioso para trazer impactos positivos para o sistema científico nacional.

Uma ressalva importante no que diz respeito ao estabelecimento dessas redes de conhecimento e dos resultados que elas podem produzir refere-se às diferenças de práticas existentes entre as áreas do conhecimento. Enquanto nas ciências naturais e exatas as publicações conjuntas são bastante comuns e muito frequentes, nas áreas sociais e humanas essa prática é menos constante (Fontes et al., 2012a; Jöns, 2009). São inúmeros os fatores para isso, desde a natureza dos dados, o tempo necessário para a análise, às metodologias utilizadas até as próprias opções sobre como e a quem primeiro apresentar os resultados obtidos – se a comunidade estudada ou a comunidade científica; através de revistas científicas, apresentações áudio visuais, cartilhas de informação. De forma que é relevante alargar os parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade dos resultados de uma cooperação internacional para além de publicações tradicionais. Outros efeitos como a formação de novas redes, acessos a fundos e financiamentos extraordinários e novas oportunidades de mobilidade para outros membros do centro também devem ser levados em consideração (Jöns, 2009).

Por fim, sublinharia que na mesma medida em que as instituições de origem são responsáveis em fomentar as atividades de mobilidade científica como uma via para penetrar nos circuitos internacionais de circulação de conhecimento, também é imprescindível que haja apoio para os/as investigadores/as retornados/as (Delicado, 2010; Fontes, 2007). Tais apoios podem configurar-se como criação de laboratórios, núcleos de pesquisa, aquisição de materiais e equipamentos; ou seja, é preciso que os centros estejam preparados para receberem sua diáspora de volta, oferecendo infra estrutura material e intelectual para que os conhecimentos adquiridos possam ser aplicados.

A partir do exposto, as práticas de produção e circulação do conhecimento resultantes da mobilidade científica passam a ser vistas como um fenômeno complexo, multi-dimensional e multi-direcional, afastando-se da perspectiva mais pessimista que associavam-nas unicamente à fuga de cérebros e simultaneamente abre-se espaços para que outros atores e variáveis sejam consideradas (Ackers, 2004, 2005).

Cientistas latino americanas em portugal: mecanismos e estratégias de produção e circulação de conhecimento.

Com base em entrevistas exploratórias conduzidas com investigadoras latino americanas em mobilidade científicaⁱⁱ em Portugal é possível ilustrar preliminarmente alguns dos mecanismos e estratégias de produção e circulação de conhecimento que elas mantêm com o país de origem. As análises que se seguem sustentam-se nas proposições da Análise Crítica do Discurso (ACD) de van Dijk (2008, 2010) e Fairclough (2001), que compreendem os discursos como práticas sociais que formam sistematicamente os objetos de que falam. As práticas são o que fazem as pessoas: seus comportamentos, escolhas, crenças e histórias. Por isso, as práticas não se opõem nem se separam dos discursos: estes constituem, desde o início, práticas específicas.

Enquanto autoras do presente artigo, identificamo-nos como imigrantes latino americanas (brasileira e argentina, respectivamente) e acadêmicas feministas, demarcando assim o lugar de onde falamos e o contexto no qual esse trabalho é construído. Devido a essa proximidade entre nós e as entrevistadas, adotamos também a autorreflexividade como metodologia, identificando-a como uma possibilidade de indagar a realidade com base tanto em pressupostos teóricos, como nos nossos próprios lugares de enunciação (Cunha, 2011).

Atualmente os projetos de cooperação internacional entre Universidades brasileiras e portuguesas têm crescido bastante, podendo os programas Brasil sem Fronteiras e o CAPES-FCT serem apontados como exemplos emblemáticos da parceria entre os dois países. Sendo esse um meio bastante favorável para a manutenção dos vínculos entre investigadoras brasileiras em Portugal e o centro de origem, como é o caso de Helena.

Eu vim para Portugal por minha conta para fazer doutorado e no segundo ano consegui uma bolsa da FCT. Terminei o doutorado fui ficando e comecei a participar em projetos de investigação no centro onde eu estava. Mas eu nunca tinha perdido contato com meus Professores da Universidade onde eu fiz graduação. Aí, um dia conversando com uma minha supervisora de pós-doc aqui em Portugal, a gente viu o edital CAPES-FCT e resolvemos fazer um projeto em conjunto com a minha antiga Universidade no Brasil, porque como eu conhecia o pessoal já era mais fácil e eu achava que podia ser uma oportunidade tanto para eu voltar lá e trabalhar na Universidade onde estudei, como para outras pessoas virem para cá. Aí foi fácil, entrei em contato com o pessoal de lá e escrevemos o projeto. O projeto foi aprovada e já vieram algumas pessoas de lá para cá e agora é a nossa vez de ir (Helena, Brasileira, investigadora de pós-doc).

O depoimento de Helena aproxima-se bastante do que se espera das Diásporas Científicas, ainda que formalmente a entrevistada não pertença a nenhuma rede específica. Uma vez que nunca perdeu o contato com sua Universidade de origem, Helena pode ser vista como um meio de ligação entre os dois países. A possibilidade de entrar em contato com o corpo docente da Instituição onde tinha estudado anteriormente e o fato de fazer parte de um centro em Portugal mostrava-se como a oportunidade ideal para submeter um projeto ao edital CAPES-FCT. Ao mesmo tempo, Helena vislumbra a oportunidade de poder voltar temporariamente para o Brasil e contribuir de alguma forma para a Universidade de onde veio, como também identifica uma oportunidade para que investigadores/as do Brasil possam vir a Portugal. Ou seja, de certa forma, a entrevistada optou por investir no fortalecimento e desenvolvimento da ciência brasileira.

Eu vim fazer o pós-doutoramento aqui porque minha orientadora do doutoramento fez o doutoramento dela aqui, por isso já tinha muitos contatos e sabia que a bolsa de pós-doutoramento era para estrangeiros também. Nós escrevemos um projeto já pensando numa possibilidade de eu poder fazer algumas estâncias em Lima, para poder não perder de vez o contato com o trabalho que já vínhamos desenvolvendo. Na verdade, existe um outro projeto

Europeu que envolve esse centro onde eu estou e a minha Universidade do Peru e outras mais, é como se meu pós-doc estivesse dentro desse projeto maior (Adriana, Peruana, investigadora de pós-doc).

Do testemunho de Adriana pode-se perceber como as conexões entre centros e investigadores/as podem transformar-se em redes complexas. A vinda da entrevistada é resultado dos contatos estabelecidos previamente por sua orientadora no quando de sua experiência de doutorado, pode-se dizer que é ela (a orientadora) quem possibilita a entrada de Adriana no meio científico português. Sabe-se que a seleção de pós-doutoramento em Portugal requer um aceite prévio da Instituição acolhedora e de um/a supervisor/a, essa mediação foi facilitada pela orientadora do doutoramento. Mais ainda, chama a atenção como desde o início o pós-doutoramento já foi pensado como uma experiência que permita uma dinâmica de circulação do conhecimento produzido entre os dois centros, posto que o projeto busca adequar-se a um trabalho que já vinha sendo desenvolvido anteriormente em Lima. Além disso, a proposta de investigação de Adriana procura encaixar-se dentro de um projeto Europeu maior do qual a instituição de origem e acolhedora também fazem parte, juntamente com outras Universidades. Isso permite que a troca de conhecimento entre as duas tenha continuidade e ao mesmo tempo abra outros espaços de circulação do que é produzido pelas duas instituições, elevando assim a outro nível a complexidade da rede.

Cheguei em Portugal há muito tempo, acompanhava meu marido que vinha trabalhar, tinha acabado a licenciatura e para não ficar parada comecei um mestrado e aos poucos fiz carreira acadêmica aqui. Praticamente não mantenho mais nenhuma ligação com a Universidade onde fiz licenciatura. Eu não sabia muito como iam ser as coisas e não preoquei em manter essa ligação. Hoje em dia já não conheço mais ninguém por lá. Fora isso, desde cedo percebi que na minha área (física aplicada) era muito mais interessante eu criar redes com os Estados Unidos ou Alemanha, que são mais desenvolvidos técnica e teoricamente do que com Equador. Uma parte do doutoramento eu fiz nos Estados Unidos e agora no sou investigadora em um projeto Europeu e trabalho diretamente com uma Universidade alemã (Cláudia, Equatoriana, Investigadora Associada).

O caso de Cláudia é um contraponto aos dois outros apresentados até agora. A sua saída precoce do Equador, induzida principalmente por motivos pessoais e independente de qualquer programa ou orientação acadêmica contribuiu para que os laços entre a Universidade onde fez a graduação se perdessem facilmente. E ao longo de sua carreira não houve nenhum esforço de retomada desses contatos. Soma-se a isso o fato de que sua área de atuação ser uma área onde seu país de origem não é muito forte e que outros países possuem mais produção teórica e técnica no assunto, ilustrando como as desigualdades geopolíticas repercutem e se reproduzem no meio acadêmico. Dessa maneira, o conhecimento produzido por Cláudia não alcança o Equador.

Atualmente eu faço doutoramento em Portugal, mas é um doutoramento com bolsa mista da FCT, ou seja, eu tenho um co-orientador oficial no Brasil e uma vez por ano eu faço mobilidade para lá. A minha orientadora aqui em Portugal passou um semestre na minha Universidade como Professora visitante, foi então que nos conhecemos e ela me convidou para o doutoramento com ela. No começo eu fiquei

muito em dúvida, porque não queria me afastar da Universidade no Brasil porque quero dar aulas lá e tem sempre o problema da validação do título que é demorado, porém ponderei que uma experiência no exterior seria boa para o currículo e que eu poderia tentar essa modalidade de bolsa mista que me permitiria continuar trabalhando com minha equipe lá no Brasil, participando dos projetos, publicações e eventos, ao mesmo tempo que eu fazia isso aqui também. E até agora tem dado certo (Fátima, Brasileira, Doutoranda).

A declaração de Fátima traz um elemento bastante interessante para a análise das estratégias de produção e circulação de conhecimento. A opção por fazer doutorado em Portugal só se tornou verdadeiramente interessante quando encontrou uma maneira concreta de continuar as ligações com a Universidade do Brasil, posto o interesse claro e explícito de retornar ao país para trabalhar. E surge como resultado da experiência de mobilidade científica de uma Professora portuguesa, que se mescla agora com sua própria mobilidade ao mesmo tempo em que incorpora também um terceiro Professor, seu co-orientador brasileiro, ou seja, trata-se de mais um exemplo da complexidade que as redes de contato podem assumir. Fátima também deixa claro sua preocupação em dar continuidade a publicações conjuntas com a equipe com que trabalhava no Brasil, garantindo que assim parte da sua produção também seja divulgada no país.

Por fim, mesmo sendo uma das autoras do artigo, acredito que meu depoimento também possa ser ilustrador de algumas dessas estratégias. Sou brasileira e depois de ter realizado meu doutorado em Portugal dei continuidade ao pós-doutorado. Infelizmente nenhum dos meus projetos incluía deslocamentos oficiais para o Brasil, contudo sempre que retornei ao país de férias, articulava com a faculdade onde fiz graduação encontros e conferências onde pudesse apresentar o que eu estava trabalhando e ao mesmo tempo conhecer as discussões que estavam sendo feitas no país. Isso permitia-me não só entrar em contato com perspectivas de análises distintas das que eu vinha trabalhando, como conhecer novos/as investigadores/as com quem poderia pensar em parcerias futuras. Além disso, mantive-me como membro de um projeto de investigação do CNPq do qual participo das reuniões sempre que vou ao país. Outra estratégia utilizada por mim é participar anualmente de algum evento de grande porte que me possibilite um mapeamento geral de como anda a produção científica brasileira na minha área – estudos migratórios, estudos feministas e de gênero e mercado do trabalho. E por fim ressaltaria ainda que tenho procurado trabalhar com Professores/as aqui em Portugal que mantenham alguma ligação com o Brasil, podendo dessa forma promover eventos e participar de publicações conjuntas que terão repercussão lá também.

As estratégias por mim utilizadas assemelham-se bastante às descritas anteriormente, porém gostaria de observar que reconheço muito da facilidade na manutenção desse diálogo com o fato que já na graduação participei em atividades de investigação na Universidade, tendo desde cedo construído uma rede de contato bastante sólida e, embora a saída para o mestrado e doutorado tenha sido uma iniciativa individual sem apoio formal da Universidade, os/as professores/as com quem trabalhava acompanharam todo o processo. Além disso, a própria mobilidade de algum/as desses/as professores/as em ir para a Europa (em especial Espanha) permitia tanto programarmos de apresentarmos trabalhos conjuntos em eventos, como possibilitava encontros onde podíamos discutir sobre nossa produção acadêmica. Da minha parte, o interesse de manter esse exercício de circulação do conhecimento se dá pelo reconhecimento da qualidade da ciência brasileira, sendo uma escola que utilizo bastante para meus trabalhos e ao mesmo tempo de um interesse latente de retornar ao país e inserir-me novamente no seu meio acadêmico.

Considerações finais

A mobilidade científica tem assumido cada vez mais importância nas discussões sobre imigração qualificada. Tanto porque diz respeito ao deslocamento de sujeitos através do globo, como porque abrange processos de produção e de circulação de conhecimento, atividades de grande importância para o crescimento econômico mundial atualmente.

O deslocamento geográfico de investigadores/as pode ser visto como um ganho para a produção científica mundial, uma vez que atua diretamente na internacionalização da ciência, incentiva a circulação e a produção de conhecimento transnacional e ao mesmo tempo permite que os/as cientistas tenham contato com culturas diferentes das suas. Nesse sentido, a mobilidade científica pode ser compreendida como uma situação de ganho para todos os centros de investigação participantes. Contudo, é preciso que exista uma política por parte países envolvidos de fomento à produção conjunta e ao acesso igualitário do que vem sendo produzido, para que a saída desses/as cientistas não se configure como fuga de cérebros, ou seja, uma situação em que apenas o país de destino é beneficiado.

Outro aspecto relevante e ainda pouco estudado acerca do deslocamento internacional de investigadores/as concerne às mulheres cientistas. Assim como acontece nos demais fenômenos sociais, as diferenças de gênero moldam as experiências de homens e mulheres de formas distintas. No caso de investigadoras, ainda que possam ser consideradas como possuindo um alto nível de capital social e cultural (Bourdieu, 2000) e que façam parte de uma elite intelectual, isso não evita que dinâmicas de exclusão, subalternização e segregação sexual e racial atuem. A própria invisibilidade em relação ao tema, bem como as análises que em geral culpabilizam as investigadoras por sua capacidade de mobilidade ser inferior a de seus colegas do sexo masculino devido às responsabilidades familiares, sem questionar o papel das próprias instituições, do patriarcado e do androcêntrismo nesse processo apontam para como tais mecanismos continuam a atuar, ainda que menos explícitos do que em outras situações.

Em geral os mecanismos e as estratégias de circulação e produção de conhecimento empreendidos pelas imigrantes latino americanas em Portugal assemelham-se com aquelas já descritas anteriormente na literatura: publicação em conjunto com investigadores/as do centro de procedência, participação de eventos e em projetos de investigação em parceria com as instituições de origem e o estabelecimento de relações de co-tutoria no caso de doutorandas. Ressaltaria porém parecer haver uma diferença significativa na manutenção desses vínculos de acordo com a maneira como o projeto de mobilidade foi estruturado. Ao que parece, quando esse é organizado em conjunto com apoio do centro de origem, ainda que não seja um apoio financeiro, mas intelectual, é mais fácil haver a preocupação com a manutenção desses vínculos, do que quando o deslocamento geográfico deu-se de forma independente.

Posto isso, reforça-se a urgência e a necessidade de um envolvimento maior dos países de origem com os processos de mobilidade científica, tanto no que diz respeito a uma maior preocupação no fomento a políticas que incentivem a igualdade de gênero em programas de mobilidade, como que estimulem a manutenção de redes de contatos entre os/as investigadores/as que deixaram o país e os/as que permaneceram.

Bibliografia

- Ackers, L. (2004). *Moving people and knowledge: the mobility of scientists within the european Union*. Presented at the European Universities Association conference: research training as a key to a Europe of knowled, Maastricht.
- Ackers, L. (2005). Scientific migration within the EU. *Innovation: European Journal of Social Science Research*, 18(3), 275–276.

- Ackers, L. (2010). Internationalisation and Equality. The contribution of short stay mobility to progression in Science Carrers. *Recherces sociologiques et anthropologiges, 1*, 83–103.
- Bauder, H. (2003). “Brain Abuse”, or the Devaluation of Immigrant Labour in Canada. *Antipode, 35*(4), 699–717. doi:10.1046/j.1467-8330.2003.00346.x
- Bauder, H. (2012). The International Mobility of Academics: A Labour Market Perspective. *International Migration*. doi:10.1111/j.1468-2435.2012.00783.x
- Bhagwati, J. N. (1979). International Migration of the Highly Skilled: Economics, Ethics and Taxes. *Third World Quarterly, 1*(3), 17–30. Retrieved from <http://academiccommons.columbia.edu/catalog/ac:156009>
- Bougheas, S., & Nelson, D. R. (2012). *On the Political Economy of High Skilled Migration and International Trade* (CESifo Working Paper Series No. 3880). CESifo Group Munich. Retrieved from http://ideas.repec.org/p/ces/ceswps/_3880.html
- Bourdieu, P. (2000). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Breschi, S., & Lissoni, F. (2001). Knowledge Spillovers And Local Innovation Systems: A Critical Survey. *Industrial and Corporate Chance, 10*(4), 975–1005.
- Bruschini, C. (1994). Trabalho Feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o Futuro. *Estudos Feministas, 2*, 17–33.
- Canibano, C., Otamendi, J., & Solís, F. (2011). International temporary mobility of reserachers: a cross-discipline study. *Sociometrics, 653–675*.
- Cerna, L. (2010). Policies and practices of highly skilled migration in times of the economic crisis. ILO. Retrieved from http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---migrant/documents/publication/wcms_179666.pdf
- Curran, S. R., Shafer, S., Donato, K. M., & Garip, F. (2006). Mapping Gender and Migration in Sociological Scholarship: Is It Segregation or Integration? *International Migration Review, 40*(1), 199–223. doi:10.1111/j.1747-7379.2006.00008.x
- Delicado, A. (2010). O retorno dos “cérebros”: regresso e reintegração dos investigadores portugueses em Mobilidade. *Revista Iberoamericana de ciencia tecnologia y sociedade, 15*(5), 185–218.
- Donato, K. M., Gabaccia, D., Holdaway, J., Manalansan, M., & Pessar, P. R. (2006). A Glass Half Full? Gender in Migration Studies1. *International Migration Review, 40*(1), 3–26. doi:10.1111/j.1747-7379.2006.00001.x
- Ecklund, E. H., Lincoln, A. E., & Tansey, C. (2012). Gender Segregation in Elite Academic Science. *Gender & Society, 26*(5), 693–717. doi:10.1177/0891243212451904
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Brasília - Brasil: UNB.
- Ferreira, V. (1998, 1999). Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra. Retrieved from <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/119.pdf>
- Fontes, M. (2007). Scientific mobility policies: How Portuguese scientists envisage the return home. *Science and Public Policy, 34*(4), 284–298. doi:10.3152/030234207X214750
- Fontes, M., Videira, P., & Calapez, T. (2012a). The impact of long term scientific mobility on the creation of persistent knowledge networks. Retrieved from <http://repositorio.ineg.pt/handle/10400.9/1569>
- Fontes, M., Videira, P., & Calapez, T. (2012b). The Impact of Long-term Scientific Mobility on the Creation of Persistent Knowledge Networks. *Mobilities, 0*(0), 1–26. doi:10.1080/17450101.2012.655976
- Fox, M. F. (2001). Women, science, and academia Graduate Education and Careers. *Gender & Society, 15*(5), 654–666. doi:10.1177/089124301015005002

- França, T. (2012). *Lindas Mulatas com Rendas de Portugal: A inserção das mulheres brasileiras no Mercado de Trabalho Português* (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Sociais, Coimbra - Portugal.
- Guth, J., & Gill, B. (2008). Motivations in East–West Doctoral Mobility: Revisiting the Question of Brain Drain. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 34(5), 825–841. doi:10.1080/13691830802106119
- Herrera, G. (2011). Cuidados globalizados y desigualdad social: reflexiones sobre la feminización de la migración andina. *Nueva sociedad*, (223), 87–97.
- Hirata, H. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, 17/18(02), 139–156.
- Hirata, H., & Kergoat, Danièle. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595–609.
- Hochschild, A. R. (2000). Global Care Chains and Emotional Surplus Value. In *On the Edge: Living with Global Capitalism* (pp. 130–146).
- Hondagneu-Sotelo, P. (2007). *Domestica: Immigrant Workers Cleaning and Caring in the Shadows of Affluence* (2nd ed.). University of California Press.
- Hondagneu-Sotelo, P. (2011). Gender and Migration Scholarship: An Overview from a 21st Century Perspective. *Migraciones Internacionales*, 6(1), 219–233. Retrieved from <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=15119042008>
- Jons, H. (2011). Transnational Academic Mobility and Gender. *Globalisation, Societies and Education*, 9(2), 183–209. Retrieved from <http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/detail?accno=EJ932948>
- Jöns, H. (2009). “Brain circulation” and transnational knowledge networks: studying long-term effects of academic mobility to Germany, 1954–2000. *Global Networks*, 9(3), 315–338. doi:10.1111/j.1471-0374.2009.00256.x
- Kahanec, M., & Zimmermann, K. (2011). High-Skilled Immigration Policy in Europe. German Institute for Economic Research. Retrieved from http://www.diw.de/documents/publikationen/73/diw_01.c.366717.de/dp1096.pdf
- Kofman, E. (1999). Female “Birds of Passage” a decade later: gender and Immigration in the European Union. *International Migration Review*, 33, N°2, 269–299.
- Kofman, E. (2000). The Invisibility of Skilled Female Migrants and Gender Relations in Studies of Skilled Migration in Europe. *International Journal of Population Geography*, 6, 45–59.
- Kofman, E. (2012). Gender and skilled migration in Europe. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 30(1), 63–89.
- Kofman, E., & Raghuram, P. (2006). Gender and Global Labour Migrations: Incorporating Skilled Workers. *Antipode*, 38(2), 282–3030.
- Kofman, E., & Raghuram, P. (2009). Skilled female labour migration. *focus MIGRATION Policy Brief*, 13, 1–8.
- Kulis, S., & Sicotte, D. (2002). Women Scientists in Academia: Geographically Constrained to Big Cities, College Clusters, or the Coasts? *Research in Higher Education*, 43(1), 1–30. doi:10.1023/A:1013097716317
- Leemann, R. J. (2010). Gender inequalities in transnational academic mobility and the ideal type of academic entrepreneur. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 31(5), 605–625. doi:10.1080/01596306.2010.516942
- Leta, J. (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17(49), 271–284. doi:10.1590/S0103-40142003000300016
- Mahroum, S. (2000). Highly skilled globetrotters: mapping the international migration of human capital. *R&D Management*, 30(1), 23–32. doi:10.1111/1467-9310.00154
- Malheiros, J., & Padilla, B. (2010). *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género - CIG.

- McLaughland, G., & Salt, J. (2002). *Migration policies towards highly skilled foreign workers*. Londres: Migration Research Unit, Geography Department - University College London. Retrieved from http://www.geog.ucl.ac.uk/research/transnational-spaces/migration-research-unit/publications/pdfs/highly_skilled.pdf
- Meyer, J.-B. (2001). Network Approach versus Brain Drain: Lessons from the Diaspora. *International Migration*, 39(5), 91–110. doi:10.1111/1468-2435.00173
- Meyer, J.-B. (2003). Policy implications of the brain drain's changing face - Google Académico. *SciDev.Net Policy Brief*. Retrieved from <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/APCITY/UNPAN022374.pdf>
- Mogu rou, P. (2004). *A double gender-family inequality phenomenon in the international mobility of young researchers* (International Trade). EconWPA. Retrieved from <http://econpapers.repec.org/paper/wpawuwpit/0403003.htm>
- Monroe, K., Ozyurt, S., Wrigley, T., & Alexander, A. (2008). Gender Equality in Academia: Bad News from the Trenches, and Some Possible Solutions. *Perspectives on Politics*, 6(02), 215–233. doi:10.1017/S1537592708080572
- Neves, S., & Nogueira, C. (2005). Metodologias Feministas: A reflexividade ao servi o da Investiga o nas Ci ncias Sociais. *Psicologia: reflex o e Cr tica*, 18 (3), 408–412.
- Nogueira, C. M. (2004). *A feminiza o no mundo do trabalho: entre a emancipa o e a precariza o*. Autores Associados.
- Padilla, B. (2010). Algunas reflexiones sobre la migracion altamente cualificada: politicas, mercados laborales y restricciones. *Obets. Revista de Ciencias Sociales*, 5(2), 269–291.
- Peixoto, J. (2001). The International Mobility of Highly Skilled Workers in Transnational Corporations: The Macro and Micro Factors of the Organizational Migration of Cadres1. *International Migration Review*, 35(4), 1030–1053. doi:10.1111/j.1747-7379.2001.tb00051.x
- Piper, N. (2007). International Migration and Gendered Axes of Stratification. In N. Piper (Ed.), *New Perspectives on Gender and Migration: Livelihood, Rights and Entitlements*. NY: Routledge.
- Reis, J., Pereira, T. S., Tolda, J., & Serra, N. (2010). *Imigrantes em Portugal - Economia, Pessoas, Qualifica es e Territ rios*. Coimbra - Portugal: Almedina.
- Rizvi, F. (2007). Brain drain and the potential of diasporic professional networks. In L. Farrell & T. Fenwick (Eds.), *Educating the global workforce: knowledge, knowledge work and knowledge workers* (pp. 221–239). London; New York: Routledge.
- Salt, J. (1997). *International Movements of the Highly Skilled* (OECD Social, Employment and Migration Working Paper No. 3). OECD Publishing. Retrieved from <http://ideas.repec.org/p/oec/elsaab/3-en.html>
- Sassen, S. (1998). *Globalization and Its Discontents*. New Press, The.
- Sassen, S. (2002). Women's Burden: Counter-Geographies of Globalization and the Feminization of Survival. *Nordic Journal of International Law*, 71(2), 255–274. doi:10.1163/157181002761931378
- Shauman, K. A., & Xie, Y. (1996). Geographic Mobility of Scientists: Sex Differences and Family Constraints. *Demography*, 33(4), 455. doi:10.2307/2061780
- Solimano, A., & Pollack, M. (2004). *International Mobility of the Highly Skilled: The case between Europe and Latin America*. Santiago: ECLAC.
- Tejada, G., Varzari, V., & Porcescu, S. (2013). Scientific diasporas, transnationalism and home-country development: evidence from a study of skilled Moldovans abroad. *Southeast European and Black Sea Studies*, 13(2), 157–173. doi:10.1080/14683857.2013.789674
- Valian, V. (2005). Beyond Gender Schemas: Improving the Advancement of Women in Academia. *Hypatia*, 20(3), 198–213. doi:10.1111/j.1527-2001.2005.tb00495.x
- Van Dijk, T. (2008). *Racismo e discurso na Am rica Latina*. S o Paulo: Contexto.

- Van Dijk, T. (2010). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.
- Velho, L., & Léon, E. (1998). A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, 10, 309–344.
- Williams, A. M., & Baláz, V. (2008). International return mobility, learning and knowledge transfer: a case study of Slovak doctors. *Social Science & Medicine* (1982), 67(11), 1924–1933. doi:10.1016/j.socscimed.2008.09.003
- Williams, A. M., & Baláz, V. (2008). *International migration and knowledge*. Routledge.

ⁱ É claro que com a atual crise da economia global, os próprios conceitos de Norte e Sul estão passando por alterações e países como Brasil, Índia e China que tradicionalmente eram exportadores de cientistas, começam a despontar como centros de referências em determinadas áreas. Contudo, a maioria dos centros de investigação dos países do continente africano ou mesmo da América Latina continuam a ser visitados/as por investigadores/as do Norte para realizarem suas pesquisas de campo, não havendo um diálogo com a produção científica desses centros. Ou seja, não se rompe com as dinâmicas de dominação resultantes do colonialismo do poder e perpetua-se as práticas de reprodução de uma ciência eurocêntrica.

ⁱⁱ Tal qual Bauder (2012) nesse artigo considera-se cientistas e investigadoras os sujeitos envolvidos em atividades acadêmicas como doutorado, pós-doutorado, projetos de pesquisas e professoras universitárias.